

**INSTRUIR E DISCIPLINAR: LITERATURA ESCOLAR PRODUZIDA POR  
JERÔNIMO ARANTES EM UBERLÂNDIA/MG, 1938-1939\***

*Disciplining and instructing: school literature produced by Jerônimo Arantes in Uberlândia/MG, 1938-1939*

Sandra Cristina Fagundes de Lima\*\*

**RESUMO**

Esse artigo discute os livros escolares escritos por Jerônimo Arantes em Uberlândia/MG durante os anos de 1938 e 1939. Neste período, o referido autor escreveu a *Cartilha brasileira*, *Minha escola modelo*, *Meu aprendizado agrícola* e *Minha rica fazenda*; os três últimos destinados ao ensino rural. Para a realização desta investigação consultamos os quatro livros citados, os jornais e revistas do período em questão, correspondência pessoal do autor e também a bibliografia específica referente ao tema. Nosso objetivo foi apreender as representações engendradas por esta literatura e as relações estabelecidas entre o conteúdo explorado nestes livros e a formação da sociedade de Uberlândia no que diz respeito à questão do processo de ordenamento social. Concluímos que os livros em questão reiteraram a necessidade de instituir a disciplina entre os alunos, transmitiram valores patrióticos e propagaram noções de positividade do trabalho.

**Palavras-chave:** Livros escolares. Representações, Ensino rural.

**ABSTRACT**

This article aims at discussing the books written by Jerônimo Arantes in Uberlândia/MG between 1938 -1939. In this period, the author wrote *Cartilha Brasileira*, *Minha Escola Modelo*, *Meu Aprendizado Agrícola* and *Minha Rica Fazenda*. The last three were addressed to the rural teaching. In order to carry out such a research, the books mentioned were checked as well as the newspapers and magazines of the period studied. Jerônimos personal mailing and the specific references concerned to the subject were also considered. By doing so, we were able to undertake the representations engendered by this literature and identify the relation between the content of the books and the formation of the local society of Uberlândia. We found out that Jerônimos writings had such an influence on the formation of this society, especially to what concerns the social order, which institutes discipline among students and the transmission of patriotic values and conceptions of work as a positive value, too.

**Keywords:** School books. Representations. Rural teaching.

---

\* Texto elaborado a partir da pesquisa apresentada com o apoio da FAPEMIG no *VII Congresso Iberoamericano de Historia de la Educacion*, realizado em Quito – Equador em setembro de 2005.

\*\* Universidade Federal de Uberlândia. Contato: sandralima@ufu.br

## I

Escritos por Jerônimo Arantes<sup>2</sup> em Uberlândia-MG, entre os anos de 1938 e 1939, a *Cartilha brasileira*, *Minha escola modelo*, *Meu aprendizado agrícola* e *Minha rica fazenda* serão analisados com o objetivo de apreender as representações produzidas pelos seus conteúdos, bem como os possíveis liames estabelecidos entre a educação escolar e um dado projeto de sociedade. Mais especificamente, no que concerne a este último aspecto, buscaremos os liames estabelecidas entre o conteúdo explorado nos livros em questão e a formação da sociedade de Uberlândia no que diz respeito ao processo de ordenamento social.

Para atingir os objetivos propostos, discutiremos em um primeiro momento alguns aspectos que subjazem à história das práticas de leitura, conforme as apreende Chartier (2001). Nesse sentido, apresentaremos as noções de representação e de materialidade dos impressos a fim de incorporá-las na discussão realizada sobre os livros escolares escritos por Arantes. Em seguida apreenderemos o conjunto dos quatro livros em questão a partir dos seguintes aspectos: a) sua materialidade, para tanto observaremos o suporte em que foram impressos e os protocolos de leitura, ou os aspectos gráficos, que os caracterizam; b) o contexto no qual foram produzidos, marcado pelas tentativas de nacionalização da literatura infantil; c) o caráter disciplinador que perpassa o conteúdo que compõe os quatro livros. Por fim, discutiremos separadamente a *Cartilha Brasileira* e depois abordaremos em conjunto as outras três obras, a saber, *Minha escola modelo*, *Meu aprendizado agrícola* e *Minha rica fazenda*. Observaremos, então, conteúdos e suas possíveis formas de recepção.

Contrariamente ao modelo de análise que pressupunha uma concepção de leitura como resultado da coincidência entre o(s) significado(s) proposto(s) pelo autor e aquele(s) “encontrado(s)” pelo leitor, Chartier desenvolve uma compreensão da leitura a partir do pressuposto de que os sentidos não se encontram a priori nos textos, nos impressos e/ou nos livros. Segundo o historiador francês, mais do que tentar apreender esta suposta coincidência, deve-se buscar a historicidade da leitura por meio da pesquisa que contemple as práticas de leitura.

Segundo Chartier, ao partir das práticas, a análise histórica engendra, por exemplo, a compreensão das diferentes possibilidades de leitura para um mesmo texto. Esta perspectiva propõe que a análise do impresso se dê por meio da apreensão dos deslocamentos operados tanto na representação e materialidade dos escritos (suporte, edição, formato etc.) quanto nas transformações produzidas nas formas como se lê um

---

<sup>2</sup> Jerônimo Arantes nasceu em 1893 na cidade de Monte Alegre-MG e faleceu em 1892 em Uberlândia-MG. Instalou-se nessa cidade em 1919 e, no princípio, dedicou-se à docência no ensino primário particular, foi professor e proprietário de escola, o *Colégio Amor às Letras*. Posteriormente, ingressou no serviço público, em que fiscalizou e organizou os trabalhos escolares no município, primeiramente, como inspetor municipal de ensino (1933-1946) e, depois, como chefe do Serviço de Educação e Saúde do Município de Uberlândia (1946-1959). Durante toda a sua vida exerceu um profícuo trabalho no campo do memorialismo, pois colecionou documentos, realizou pesquisas tendo em vista conhecer e produzir a história do município de Uberlândia e publicou livros e textos a respeito do tema (LIMA, 2004). Atuou também no jornalismo, tendo editado 28 números da revista *Uberlândia Ilustrada* durante 26 anos (LIMA, 2007).

mesmo texto. Dessa maneira, empregaremos as noções de representações e de materialidade para compreendermos os aspectos que subjazem aos livros escritos por Jerônimo Arantes.

Utilizaremos a noção de representação entendendo-a como processo constituinte do real por meio da elaboração dos significados que lhe dão sentidos. Ao serem apreendidas como processo, essas representações comportam dimensões conflituosas, pois, conforme ressaltou Chartier, elas devem ser consideradas

*Como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são os seus, e o seu domínio (CHARTIER, 1988, p. 17).*

Uma vez que se parte do pressuposto de que subjazem às representações conflitos e tensões que as caracterizam como sendo este campo de lutas de que nos fala Chartier, e que se busca compreendê-las como constituintes do real e não como o seu reflexo, espera-se, com o emprego desta noção, contribuir para superar a clivagem operada entre uma dada objetividade das estruturas, eleita por uma historiografia de tradição iluminista como o verdadeiro objeto da história, e a subjetividade das representações, lançada por esta mesma historiografia no limbo da pesquisa historiográfica.

As representações serão empregadas como fio condutor para se penetrar na trama que subjaz aos livros escolares produzidos por Arantes em virtude de possibilitarem uma leitura múltipla da realidade, permitindo, assim, a ruptura com um quadro epistemológico assentado em apreensões unívocas e/ou dicotomizadas dos processos históricos; serão utilizadas também por não dissimularem as diferentes posições ocupadas pelos atores sociais e nem ignorarem os objetivos discordantes que compõem o real.

Quanto à materialidade, Chartier ressalta que os estudos sobre as práticas de leitura devem se ocupar da compreensão das formas sob as quais se apresentam os textos. Embora o sentido da obra não se encontre pronto, não se pode ignorar que tanto os autores quando escrevem seus textos quanto os editores que os transformam em livros prospectam-lhes sentidos e imprimem “senhas” por meio das quais devem ser buscados os supostos significados que lhes são subjacentes; a essa operação Chartier denominará protocolos de leitura. Esses protocolos podem ser incorporados ao texto primeiramente pelo próprio autor, na tentativa de produzir uma leitura correta de sua obra ou de “impor seu sentido”. De acordo com Chartier, o autor poderá implementar as suas instruções por meio de uma estratégia de escrita que consiste em

*[...] inscrever no texto as convenções, sociais ou literárias, que permitirão a sua sinalização, classificação e compreensão [...] empregar toda uma panóplia de técnicas, narrativas ou poéticas que, como uma maquinaria, deverão produzir efeitos obrigatórios, garantindo a boa leitura (2001, p. 96-97).*

Mas, os protocolos de leitura empregados como dispositivos de configuração de sentidos podem resultar também do trabalho tipográfico de edição. Nesse caso, para além das estratégias utilizadas pelos autores, os editores, ao transformarem textos em livros, também implementam procedimentos por meio dos quais orientam os leitores na tentativa de os conduzirem para os sentidos desejados. Algumas das marcas impostas pelos editores podem ser encontradas na forma de divisão dos capítulos, no emprego das ilustrações e na própria tipografia. Em ambos os casos, os protocolos de leitura constituem-se em dispositivos por meio dos quais autores e editores esperam “garantir” uma dada maneira pela qual seus trabalhos deverão ser compreendidos.

## II

Durante os anos de 1930, Jerônimo Arantes dedicou-se, além da docência e das demais atividades existentes em sua escola, o *Colégio Amor às Letras*, à produção de uma literatura educacional voltada para o ensino primário, sendo que o primeiro livro editado dessa natureza foi a *Cartilha brasileira* (ARANTES, 1938a), seguida de *Minha escola modelo* (ARANTES, 1938b). Os dois outros restantes, *Meu aprendizado agrícola* (ARANTES, s.d.) e *Minha rica fazenda* (ARANTES, 1939) permaneceram datilografados, aguardando uma edição que não ocorreu.

No que se refere à materialidade, os dois livros editados, a *Cartilha Brasileira* e *Minha escola Modelo*, apresentam características semelhantes em seus aspectos gráficos, a saber, uma edição pouco elaborada, monocromática e com muita economia nas gravuras. Ao contrário da riqueza de ilustrações bem como da profusão de cores presentes nas primeiras cartilhas de alfabetização produzidas no País, as páginas da *Cartilha Brasileira*, por exemplo, eram monotonamente impressas em preto e preenchidas apenas com letras e números. Nas lições registradas no aludido manual, utilizou-se apenas a cor preta. Os protocolos empregados para destacar e conferir sentidos a palavras, frases e/ou parágrafos foram: o negrito, a diversificação no tamanho da fonte e as ilustrações. Dessa forma, o seu editor, no intuito de chamar a atenção dos leitores, empregava letras claras ou escuras, ora grandes ora pequenas. As ilustrações, todas apresentando animais retratados no texto, aparecem apenas nas dez últimas páginas, assim mesmo na forma de gravuras monocromáticas, ocupando um espaço exíguo no início da folha.

*Minha escola modelo*, por sua vez, já apresentava as páginas todas ilustradas em preto e branco com fotografias da sua personagem principal, que era representada por uma aluna exemplar. Havia também a presença de desenhos simples, esquemáticos e sem colorido. Tanto as fotografias quanto os desenhos podem ser lidos como se constituindo em protocolos do autor e do editor que se consubstanciavam em tentativas de estabelecer um vínculo entre o conteúdo do texto e a imagem impressa, sem, contudo, acrescentar-lhe nenhum aspecto. Dessa forma, nas lições que abordam a higiene pessoal, as ilustrações retratam a personagem lavando as mãos e escovando os dentes; em outra lição, que discute a plantação de hortaliça, a figura mostra a “aluna” plantando e regando o canteiro e assim por diante.

Todavia, essa simplicidade verificada no projeto gráfico da *Cartilha Brasileira* e

*Minha escola Modelo* não caracterizava os primeiros livros publicados no País. De acordo com Dietzsch, ao contrário da ausência de requinte verificada na edição dos manuais escolares de Arantes, os livros produzidos com finalidade didática destacavam-se pela riqueza de suas ilustrações e pela profusão de cores. Foi somente a partir da década de 1940 que se iniciou um processo de massificação nas cartilhas produzidas no Brasil, responsável, dentre outros aspectos, pela transformação dos manuais, ricamente ilustrados, em livros sem cor e sem atrativos iconográficos (DIETZSCH, 1990, p. 39).

Entretanto, a economia de requinte, visível na ausência completa de cores, assim como na parcimônia no emprego das ilustrações e na singeleza de gravuras impressas, acompanhou os manuais escolares produzidos por Arantes desde a sua primeira edição, e, por isso, não pode ser relacionada ao processo de massificação discutido por Dietzsch. Acreditamos que tal economia de elementos gráficos, que caracterizou a obra de Arantes, denota muito mais a falta de recursos de seu autor e a conseqüente dificuldade em conseguir um patrocinador mais abastado, que pudesse incrementar a edição de seus livros, do que a sua inserção no mercado editorial de livros didáticos, em franco processo de massificação.

De uma forma geral, esses três livros, assim como a *Cartilha brasileira*, podem ser situados no movimento de nacionalização da literatura infantil gestado no Brasil a partir da última década do século XIX. No entanto, embora fosse enfatizada a necessidade de nacionalizar os livros infantis (começando pela defesa da importância de ser os seus autores brasileiros, como também ressaltando ser importante eleger temas oriundos da realidade nacional), no país, essa literatura caracterizou-se no seu início pela importação de temáticas e também de livros europeus, que eram adaptados ao universo local, tendo como finalidade inculcar uma visão patriótica. Como exemplo, Bastos cita: “[...] as traduções dos *Contos seletos das Mil e uma noites*, *As aventuras do Barão de Münchhausen*, *Robinson Crusóé*, *Coração* e as versões abasileiradas de textos de Perrault, Grimm e Andersen” (BASTOS, 1998, p. 34).

Foi somente após a terceira década do século XX que a literatura infantil começou a adquirir entre nós uma feição que se poderia denominar brasileira, quando a conjugação de diversos fatores favoreceu o impulso da produção nacional de livros voltados para o público infantil. Dentre os elementos que contribuíram para a gestação dessa literatura, situam-se: a ascensão de uma classe média, promovida pelo impulso verificado na industrialização; maior escolarização das camadas urbanas e, conseqüentemente, a formação e expansão de um público leitor; valorização da literatura e das artes promovida pelo movimento modernista e daí o interesse dos autores em “renovar” a arte nacional, e, por fim, investimentos das editoras na publicação de novos títulos (LAJOLO; ZILBERMAN, 1984, p. 47).

Data desse mesmo período um revigoramento do discurso nacionalista e, a partir daí, o início de um processo de valorização inclusive de textos infantis produzidos por autores nacionais (GOMES, 1996). A relevância da literatura voltada para a educação de caráter nacional foi ressaltada pelo próprio Arantes na introdução de seu livro *Meu aprendizado agrícola*, que, depois de traçar os objetivos de sua obra, acrescentou o detalhe, bastante valorativo, se considerado o contexto, de ter escrito um livro “genuinamente

brasileiro” (ARANTES, s.d., p. 2). No prefácio redigido para *Minha escola modelo*, Aimoré Dutra, inspetor técnico regional do ensino no estado de Minas Gerais, enfatizou com igual entusiasmo a particularidade de a referida obra ter um caráter nacional, haja vista que foi produzida por Arantes, um escritor brasileiro. No mesmo prefácio, o autor louvou o fato de o livro prestar um serviço à nação, uma vez que discutia temas que poderiam favorecer a unidade de seu povo (DUTRA, 1938, p. 4). Esse último aspecto era muito conveniente ao período, pois os livros infantis produzidos desde então tinham em comum o fato de ser leituras de formação<sup>3</sup> ou aprendizagem por meio das quais se esperava poder atingir o leitor conformando o seu caráter por meio da divulgação de valores patrióticos e da exaltação de virtudes advindas com o trabalho, com a convivência em família, com os relacionamentos estabelecidos na escola, igreja e demais instituições existentes na sociedade.

Com efeito, em várias lições constantes nas três obras produzidas por Arantes ficaram evidenciados o seu caráter normalizador; a sua mensagem disciplinadora, veiculada pelos conteúdos marcados por forte apelo patriótico, bem como a preponderância de uma abordagem unidimensional acerca da vida do narrador. Ao tratar a questão do aluno, por exemplo, o autor apresenta, no livro *Minha escola modelo*, um perfil de estudante ideal: organizado, dedicado, obediente e assíduo. O título da lição na qual são discutidas as características do que seria considerado um bom aluno é bastante sugestivo, qual seja, *Estudante modelo*; além disso, o conteúdo não deixa dúvidas quanto ao aspecto de normalização que o perpassava:

*Agora estou pronta para ir à escola. Os meus objetos estão todos dentro da pasta. Já estou vestida com o uniforme que usamos. [...] Quando chego da escola, troco o uniforme pelo vestido que uso em casa. Todos os meus objetos escolares ficam guardados dentro da pasta. Se tenho de fazer alguns deveres, retiro da pasta somente os objetos que vou ocupar no trabalho. Tenho muito cuidado quando faço os meus exercícios, para não errar e nem fazer borrões. Durante a aula observo atentamente as lições da professora. Sempre estou com a atenção firme naquilo que temos por dever de fazer em aula. Minha professora me diz sempre que eu sou estudante modelo. Devemos fazer tudo com perfeição (ARANTES, 1938b, p. 16).*

No outro livro, *Meu aprendizado agrícola*, ao discutir a escola freqüentada pelo narrador, que é também uma personagem de conduta paradigmática, cuja trajetória de vida é contada linearmente na obra, iniciando no nascimento e finalizando na vida adulta, esse mesmo tema é retomado e, novamente, o estereótipo do bom aluno reaparece, servindo, inclusive, como metáfora para a ordem e a disciplina social:

*Fui sempre tratado com carinho e distinção, devido ao meu comportamento exemplar e dedicação aos estudos. Mamãe Olívia me ensinava sempre como eu devia proceder em aula. Os meus colegas*

---

<sup>3</sup> Para definir a “literatura de formação”, Bastos emprega o conceito utilizado por Freitag, para quem as leituras de formação são aquelas em que “as instituições sociais como a família, a escola, a igreja, a fábrica, o hospital, pelas quais transita o herói da obra, procuram influenciá-lo, moldá-lo, direcioná-lo, segundo seus valores e normas específicas” (BASTOS, 1998, p. 33).

*me estimavam, e eu sempre soube corresponder àquelas amizades. Esforçava por fazer com perfeição os deveres escolares. Nunca sofri castigos e nem repreensões por desobediência à disciplina, ou descuido com os deveres ao estudo. Observei sempre os colegas que estavam contrariados constantemente em aula, notando que a causa era justamente a falta de cumprimento dos deveres indicados pelos professores (ARANTES, s.d., p. 16).*

A despeito de algumas semelhanças entre os quatro livros e muito embora, no projeto original, constasse o desejo do autor de que fossem editados de maneira a dar origem a uma única obra, em uma série que deveria denominar-se *Amor ao trabalho*, essa literatura produzida por Arantes apresenta algumas particularidades que requerem uma análise em separado. Nesse sentido, primeiramente, abordaremos os aspectos concernentes à Cartilha e, posteriormente, trataremos dos outros três livros.

As cartilhas de alfabetização começaram a ser produzidas no País na segunda metade do século XIX no decorrer do processo de organização republicana do ensino. Os seus primeiros autores foram notadamente professores fluminenses e paulistas que as elaboravam baseados em suas experiências didáticas. No entanto, essas cartilhas só se difundiram de forma mais acentuada nas primeiras décadas do século seguinte, quando uma confluência de fatores tornou-nas fundamentais no interior dos centros alfabetizadores. Esses fatores consubstanciaram-se de um lado no já assinalado surgimento e difusão do mercado editorial brasileiro, que encontrou na escola o *locus* privilegiado de divulgação e também de consumo de seus produtos; de outro lado, no movimento desencadeado em prol da nacionalização do livro didático (MORTATTI, 2000).

A *Cartilha brasileira*, por exemplo, ao que indica uma carta recebida pelo seu autor, foi escrita no final da década de 1920 (ARAÚJO, 1929). No entanto, a sua primeira edição só saiu em 1936, e dois anos depois, em 1938, publicou-se a segunda edição. Esse manual, conforme anunciado na página de rosto, destinava-se àqueles que preferiam alfabetizar empregando o método silábico, consistindo, para tanto, em um bom modelo (ARANTES, 1938a). O processo de silabação e soletração caracterizou os métodos de marcha sintética que predominaram nas primeiras cartilhas produzidas no País no século XIX. O tal método consistia em iniciar o aluno nas seguintes habilidades:

*Ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes, de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. Posteriormente reunidas as letras em sílabas e conhecendo-se as famílias silábicas, ensinava-se a ler as palavras formadas com essas sílabas e letras e, por fim, ensinavam-se frases isoladas ou agrupadas. Quanto à escrita, esta restringia-se à caligrafia e seu ensino, à cópia, ditados e formação de frases, enfatizando-se a ortografia e o desenho correto das letras (MORTATTI, 2000, p. 42-43).*

Condizente com essa definição, a *Cartilha brasileira* iniciava as suas lições pela apresentação das vogais maiúsculas e minúsculas, os ditongos, a formação de sílabas, a construção de palavras e, finalmente, a elaboração de frases simples, a princípio, isoladas e, depois, reunidas. Intercaladas às noções de silabação, existia um segundo grupo de

lições que incluía *Palestras*, que nada mais eram do que pontos temáticos que os professores deveriam discutir com os alunos, cujo objetivo seria introduzir noções básicas de anatomia humana; aritmética; higiene, tais como limpeza corporal e asseio com os materiais escolares; informações sobre o funcionamento do calendário, como a distribuição dos dias em semana, meses, anos e semestres; e, por fim, explicação sobre as partes componentes de um livro, tais como capa, autor, páginas e título.

As cartilhas de alfabetização produzidas no Brasil a partir do fim do século XIX tinham em comum a veiculação de conteúdos cujo objetivo, dentre outros, era disciplinar o comportamento dos alunos tanto no espaço intra quanto no extra escolar. Em decorrência disso, perpassava todos os seus textos um caráter fortemente disciplinador, sendo, portanto, repletas de lições prescrevendo regras de conduta com a finalidade de difundir noções de bem viver, tais como: amor à pátria e aos seus símbolos, obediência às hierarquias sociais, positividade do trabalho, submissão aos pais e às pessoas mais velhas, bem como harmonia no lar. Em suma, a cartilha de alfabetização

*institui e perpetua certo modo de pensar, sentir, querer e agir, que, embora aparentemente restrito aos limites da situação escolar, tende a silenciosamente acompanhar esses sujeitos em outras esferas de sua vida pessoal e social [...] (MORTATTI, 2000, p. 50).*

Conquanto esse conteúdo de normalização (que, em outras cartilhas, era transmitido em lições cheias de regras de comportamento) não se constituísse no aspecto central da *Cartilha Brasileira*, este também esteve presente em suas páginas, ainda que subsidiariamente. Diferentemente de outros manuais de alfabetização, o tom disciplinador da Cartilha não se consubstanciava na prescrição clara de normas que visassem à instauração da ordem por meio da apologia à obediência. O seu caráter disciplinador encontrava-se disperso em meio às discussões referentes a temas que incidiam sobre relacionamentos humanos. Nesse sentido, a propósito de ensinar aos alunos a construção de sentenças mais longas, Arantes conta a história de uma ave, batizada de “Lulu”, desde a sua formação no ovo até o seu triste fim na mesa para servir de refeição. A narrativa desenrola-se de forma linear e paradigmática, pois, ao tratar da trajetória de uma ave do nascimento à morte, o autor discute questões de ordem existencial, tais como o amor da mãe pelos filhos, o seu instinto de proteção, a ingratidão destes ao crescer e abandonar o lar, os reveses da velhice: “Saiu o pintinho de dentro do ovo. Agora cresceu e já é frango. Agora ele não gosta mais de sua mãe. Ah! Frango ingrato” (ARANTES, 1938a, p. 49). Por fim, o mesmo ciclo repete-se com os seus filhotes. Estes crescem, engordam, envelhecem e acabam morrendo em alguma panela.

Portanto, ainda que não fosse de forma imediata à *Cartilha Brasileira*, encontrava-se subjacente um conteúdo caracterizado pela apresentação de condutas disciplinares e exemplares; porém essa mensagem disciplinar não era emitida de forma direta, permanecia, ao contrário, subentendida nas entrelinhas. E ler as entrelinhas é fundamental, pois conforme salientou Apple:

*Os produtos culturais não apenas ‘dizem’, mas eles também ‘deixam de dizer’. [...] qualquer texto não é necessariamente constituído por significados imediatamente evidentes [...] que possam ser facilmente vistos por qualquer observador. Em vez disso, um texto ‘traz inscrito em seu interior as marcas de certas ausências determinadas, que transformam suas significações em conflito e contradição’. Aquilo que não é dito num texto é tão importante quanto o que é dito, uma vez que ‘a ideologia está presente no texto na forma de seus eloqüentes silêncios’ (APPLE, 2002, p. 172).*

De fato, ao perscrutar o conteúdo da *Cartilha Brasileira*, descobre-se que a ausência de normas era apenas aparente, pois o autor utilizou duas estratégias narrativas por meio das quais, habilmente, fez passar a sua mensagem, sem, no entanto, torná-la excessivamente explícita. Acreditamos que a primeira dessas estratégias consistiu no fato de não propor afirmativamente padrões de comportamento. Dessa forma, o manual de alfabetização escrito por Arantes, ao contrário das demais cartilhas do período, não fornece exemplos, tais como: deve-se fazer o bem, ou é preciso ajudar aos outros, servir à pátria etc. As prescrições de boa conduta fazem-se pela reprovação de atitudes negativas, ou seja, mostrando o amor e os cuidados da mãe com os filhotes e a ingratidão daqueles ao crescer e abandonar o “ninho”.

Um outro aspecto da *Cartilha Brasileira*, que comprova a nossa hipótese de que esta não apresentava claramente prescrições disciplinares, incide sobre o fato de ter empregado como personagem central uma ave. Com isto, os exemplos fornecidos são trasladados do mundo dos homens para o reino dos animais, e essa transposição parece, pois, cumprir a função de escamotear a sua mensagem, tornando-a menos dogmática, sem, no entanto, suprimi-la. Segundo Dietzsch, a análise de oito cartilhas editadas no Brasil e utilizadas no estado de São Paulo, no período de 1930 a 1970, demonstrou que essa opção por adotar personagens extraídos do reino animal era um recurso freqüente nas cartilhas de alfabetização utilizadas no País e estava, por sua vez, intimamente imbricada aos pressupostos de normalização que perpassavam muitos desses manuais em uso nas escolas. O mundo que salta das suas páginas é rigorosamente cindido em dois universos, a saber, um lado bom, habitado por homens que se dedicavam à prática do bem, e outro ruim, em que as características de suas personagens são a indolência, a subversão e a desordem de uma forma geral. De acordo com a autora:

*Os animais têm uma função nesse universo maniqueísta, sendo apresentados com muitas das virtudes e vícios humanos. Não é irrelevante que o lugar reservado para os animais seja tão amplo. Sua presença no discurso da alfabetização quase nunca está ligada à agilidade, nem a sua beleza, mas simplesmente ao fato de serem animais e isso permitir-lhes praticar ações que podem ser levadas até as últimas conseqüências (DIETZSCH, 1990, p. 41).*

Excetuando esse aspecto, a referida Cartilha também compartilhava com suas contemporâneas a adoção de uma relação discursiva assentada no monólogo e na impessoalidade e, por conseguinte, perpassava as suas lições uma perspectiva reducionista e limitante do real. Esse traço de impessoalidade esteve presente nas cartilhas editadas por quase todo o País e adotadas em estabelecimentos de ensino localizados nas mais

diversas regiões. Em geral, nos manuais de alfabetização empregados pelos professores nas escolas brasileiras, as personagens não assumiam:

*o status de pessoa, de modo geral são descaracterizadas, estereotipadas: muitas vezes não apresentam nomes, ou recebem nomes anônimos, que se generalizam e na generalização permitem que cada aluno se inclua, ou se submeta ao modelo proposto (DIETZSCH, 1990, p. 41).*

No caso do manual elaborado por Arantes, a personagem central é representada pela figura do professor, é ele quem conduz as lições de silabação e as outras de conteúdo, denominadas *palestras*. Ele sempre se dirige aos possíveis alunos, que não são identificados de forma direta: pergunta sobre o tema do ponto em questão e oferece respostas objetivas, sem margem para discussões. Nas dez últimas lições, a impessoalidade do narrador/professor adquire contornos mais acentuados, uma vez que ele começa a dividir a “cena” com outras personagens do reino animal, a saber, uma galinha e seus pintinhos. Além desse aspecto, o referido manual priorizava, nas discussões, os temas que pudessem ser aplicados no dia-a-dia dos alunos, facilitando-lhes o trabalho. Nesse sentido, em todas essas lições permanecem subjacentes conteúdos que tinham como finalidade orientar os alunos nas questões de ordem prática, fornecendo-lhes instrumentos para se situarem no cotidiano. As lições II e III, por exemplo, que tratam respectivamente do calendário e de noções de quantidade, são voltadas para o interesse pragmático e, por isso, são citadas a seguir:

- *Quem sabe contar os meses do ano?*
- *Muito bem. Aprenderam perfeitamente. Vamos desenvolver mais o ‘ponto’ com outros conhecimentos. Exemplo: A quantidade de 3 meses, forma o trimestre; a quantidade de 6 meses forma o semestre. Podemos contar também assim: 1. trimestre, 2. trimestre, 3. trimestre e 4. trimestre, que formam-se os 12 meses do ano. Agora, contando por semestre, temos: 1. Semestre e 2. Semestre, que são igualmente 12 meses (ARANTES, 1938a, p. 17).*
- *Vou fazer 12 tracinbos no quadro-negro. Sabem como se chama essa quantidade?*
- *Quantas coisas devemos contar para formar uma dúzia e meia?*
- *Quantas para duas dúzias? [...]*
- *Quais são as cousas que compramos contadas a dúzia? (ovos, roupas, frutas, objetos escolares conhecidos pelos meninos, vasilhas, etc.)*
- *Sabem quais são os objectos que compramos no comercio, contados ao centos? (Exemplo: frutas, calçados, etc.)*
- *Quantas coisas contamos para se formar a quantidade milheiro? (Tijolos, telhas, cigarros, e outros objectos conhecidos) (ARANTES, 1938a, p. 22).*

Quanto à recepção dessa literatura, a documentação consultada não traz informações a respeito do emprego da *Cartilha Brasileira* na alfabetização dos alunos matriculados nas escolas e grupos instalados na cidade. Todavia a publicação da segunda edição, dois anos após a primeira, assim como a autoridade de que gozava Arantes no

meio educacional no período em que foram lançadas as suas duas edições (nessa época ele já havia tomado posse na Prefeitura Municipal como inspetor de ensino), leva a crer que o referido manual deve ter sido utilizado em Uberlândia para orientar o trabalho de alguns professores, notadamente daqueles que atuavam nas escolas municipais. Além disso, se Arantes seguiu os conselhos de um dos seus amigos, que, após receber a Cartilha, endereçou-lhe uma carta contendo um parecer repleto de elogios e sugerindo-lhe a divulgação do livro, ele, provavelmente, deve ter introduzido essa sua obra nos estabelecimentos de ensino primário espalhados pela cidade e, especialmente, naqueles existentes na zona rural, pois conforme aquilatou o missivista:

*‘CARTILHA BRASIL’ [sic] é, sem lisonja alguma, a melhor possível, para o nobre fim a que se destina. Li-o com a máxima atenção e boa vontade. E, julgando-o merecedor de sinceros elogios e ampla divulgação, acrescento mais ser ele digno de figurar no numero e conceito dos que são hoje adotados e tidos como pedagógicos, em todas as escolas primárias do Estado (ARAÚJO, 1929).*

No que se refere aos outros três livros escolares escritos pelo mesmo autor, não encontramos dado algum que nos possibilitasse asseverar o seu emprego pelas escolas locais, ainda que o primeiro deles, *Minha escola modelo*, tenha sido publicado em 1938. De qualquer forma, seus conteúdos demonstram, como já analisado na *Cartilha brasileira*, as preocupações de Arantes com a formação dos alunos para além da mera transmissão e aquisição de conteúdos formais, tais como o aprendizado da língua pátria e da Aritmética. A literatura elaborada por Arantes denota também o cuidado de contextualizar o programa de ensino ministrado nas escolas rurais segundo a realidade dos alunos matriculados naqueles estabelecimentos. Conforme avaliou Aimoré Dutra, esse aspecto consistia em uma das grandes contribuições de *Minha escola modelo* para os professores que atuavam naquelas escolas:

*Não queremos apreciar a sua feição artística, nem técnica, nem gramatical. Importa-nos conhecer somente o seu valor pedagógico e a sua força educativa, nos meios a que ele se destina e que são os meios rurais. É um trabalho inestimável, sob esse ponto de vista (DUTRA, 1938, p. 3-4).*

O terceiro livro, *Minha rica fazenda*, embora sem edição, foi analisado por um amigo de Arantes que evidenciou o fato de ser a população estudantil da zona rural o público alvo da referida obra. Na carta que esse amigo endereçou ao autor, ficaram demonstradas as vantagens do livro em questão, atendo-se ao aspecto de ele cumprir o objetivo de ir ao encontro das necessidades da escola rural, dotando-a de uma literatura específica, que contemplava o dia-a-dia do homem do campo, suas formas de trabalho e suas preocupações, constituindo-se, por isso, numa síntese do que pode ser considerado o cotidiano de uma fazenda:

*Por iniciativa própria, o sr. Jerônimo Arantes estudou detalhadamente o problema do Ensino Agrícola nas classes primárias, não só com o fim de evitar má interpretação entre as crianças, mas também para que, com o referido estudo, cesse a falta de rudimentares conhecimentos agrícolas que,*

*ministrados em pequenas doses às crianças as possam tornar aptas ao trabalho agrícola, pelo amor e interesse que lhe despertam os dados da pedra básica da Economia Nacional e Agricultura (ARANTES, 1940).*

Ambos os documentos ressaltam a particularidade de ser os três livros voltados para o ensino primário nas escolas rurais e, com efeito, pela análise do conteúdo de seus capítulos é possível verificar que essa característica encontra-se presente na obra. No entanto, esta se restringe aos dois últimos livros, uma vez que o conteúdo do primeiro é genérico e não exclusivamente voltado para atender às necessidades específicas dos habitantes do campo.

Os temas destinados, mais especificamente, ao aluno que habitava o meio rural só, começaram a aparecer no livro *Meu aprendizado agrícola* e, ainda assim, a partir da 14ª, lição. Ali, os conteúdos incidiam sobre algumas formas de trabalho agrícola, como, por exemplo, avicultura, horticultura, sericultura e pomar. No entanto, nesse livro, o olhar sobre a vida no campo ainda era direcionado pela cidade, pois o aprendizado agrícola em discussão era feito por uma personagem urbana, cujo contato com a realidade existente na fazenda se dava por meio de seu ingresso em um colégio agrícola. A questão do meio rural com as suas idiossincrasias seria abordada de forma mais consistente somente no terceiro livro, *Minha rica fazenda*. Ou seja, depois desse livro, o foco não parte mais da cidade, mas desloca-se desta em direção à vida agrária. Aí, são apresentadas as mais diversas características do cotidiano rural: o comportamento de seus habitantes, a lida diária na lavoura, os trabalhos executados na criação dos animais e também no interior da casa, as formas de lazer das crianças e os perigos existentes, tais como o contato com animais silvestres e as moléstias.

Subjazia a todas as histórias um caráter educativo, porém, não apenas literário, mas, sobretudo, voltado para o mundo do trabalho, visando contribuir para o desenvolvimento da economia rural. O objetivo era, nesse sentido, preparar o aluno para as atividades agrícolas que, segundo permanece implícito nas obras, se bem orientadas, poderiam constituir-se em prosperidade dos negócios e, por conseguinte, fonte de enriquecimento. O autor assim anuncia os seus propósitos, que não pareciam nada modestos:

*Como sonhadores que somos, da grandeza do nosso querido Brasil, pelo trabalho de seus filhos, idealizamos essa série de livros escolares, com o fito de contribuir com o nosso obscuro trabalho para o progresso da agricultura. Aos educadores, responsáveis pela formação do 'brasileiro de amanhã', entregamos os nossos modestos livrinhos, esperançosos de ver realizados o nosso sonho (ARANTES, 1939, p. 3).*

Aliado a esse aspecto educativo de cunho mais pragmático, implícito nos ensinamentos veiculados por essa literatura, observamos um caráter disciplinador, cujo objetivo seria preparar o aluno para uma vida social ordeira, laboriosa e próspera. Na apresentação que redigiu para o terceiro livro, *Minha rica fazenda*, Arantes evidenciou os fins moralizantes que almejava atingir com a sua obra:

*No segundo livro de leitura, foi o nosso tema uma organização de trabalho agrícola numa escola de aprendizado, aliando, na descrição da história, o cooperativismo, a moral, o ensino positivo e os sentimentos de amor paternal. No presente volume, o terceiro da série, tratamos da formação da personalidade do aluno — tão necessário se nos afigurou o tema — com dados incontestáveis para uma vida próspera e verdadeiramente feliz, em todas as fases do período que se descreveu o tema escolhido (ARANTES, 1939, p. 3).*

### III

Devem-se compreender as questões que permeiam esses livros de Arantes, remetendo-as também ao contexto no qual ele produziu a sua literatura. Vivia-se, naquele período, de um lado a crítica à escola tradicional e a divulgação das propostas de reformulação daquela escola pelos educadores ligados ao movimento da Escola Nova e, de outro lado, assistia-se à elaboração e divulgação do ideário estadonovista que, em educação, significou, além da ofensiva dirigida aos “reformadores” (NUNES, 2001), preparar o homem para “construir a nação” ou para “formar o cidadão do Estado Novo” (HORTA, 2000, p. 149). Nessa perspectiva, conferia-se grande ênfase à disciplina, inspirada inclusive no regulamento militar, assim como a vários métodos que viabilizassem o ajustamento do aluno à sociedade. Nessa ótica, valorizava-se também a transmissão de habilidades com o fim de preparar o aluno para o trabalho, daí a centralidade ocupada pelas questões relativas à orientação educacional e vocacional (GANDINI, 1995).

Valorização do treinamento profissional, disciplina e prescrição de normas de comportamento, com ênfase para a necessidade de adaptar o aluno ao meio no qual ele estava inserido, permearam, igualmente, a literatura educacional elaborada por Arantes. A conjugação de objetivos pragmáticos com lições de comportamento, de caráter disciplinador seria, com efeito, o fio condutor de todas as narrativas que compunham essas três obras escritas por Arantes. Desde o primeiro livro, passando pelo segundo e culminando no terceiro, o aspecto disciplinar seria marcante, haja vista que, no primeiro livro, o autor elege como personagem central uma aluna exemplar, comportada, estudiosa e obediente; a escola onde ela estuda é representada como sendo o templo da disciplina. No segundo livro, ao tema da disciplina, soma-se o do altruísmo, uma vez que a criança que dará início ao seu aprendizado agrícola é representada por um filho adotivo de um lar formado por um casal abnegado; novamente, a escola agrícola é apresentada como uma instituição sem conflitos, com finalidade apenas educativa. No último livro, completa-se a conjugação, pois a questão da disciplina aliada à prosperidade constitui-se na temática.

Arantes destinou parte de seus livros escolares para discussão dos aspectos relativos à vida no campo, e não poderia ter sido diferente, posto que, no serviço público, atuava diretamente na fiscalização do ensino rural. No entanto, mesmo que uma parcela do conteúdo se restringisse ao modo de vida do camponês, os valores que subjazem aos seus textos são correspondentes àqueles presentes no discurso disciplinador e dizem respeito às condutas de ordem mais gerais, podendo, por isso, servir como paradigma

também para as representações de um modo de viver que se esperava poder tornar característico daqueles que habitavam a cidade.

Em síntese, pela análise da literatura escolar produzida por Arantes, compreendemos que as suas preocupações com o ensino extrapolavam o âmbito da escola, pois, mais do que servir como instrumento pedagógico para o professor, o conteúdo abordado em seus livros revela uma preocupação em contribuir para um projeto de urbanização que cristalizasse o ideal de uma cidade ordeira, dinâmica e próspera.

### Referências

APPLE, Michel W. *Educação e poder*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

BASTOS, Maria H. C. A educação do caráter nacional: leituras de formação. *Educação e Filosofia*, Uberlândia, v. 12, n. 33, p. 31-50, jan./jun, 1998.

CHARTIER, Roger. Do livro à leitura. In: CHARTIER, R. (Org.). *Práticas da leitura*. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 77-105.

\_\_\_\_\_. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1988

DIETZSCH, Mary J. Cartilhas: um mundo de personagens sem texto e sem história. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 75, p. 35-44, Nov.1990.

GANDINI, Raquel. Intelectuais, estado e educação. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos 1944-1952*, Campinas, 1995.

GOMES, Ângela de Castro. *História e historiadores: a política cultural do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

HORTA, José S. B. A I Conferência Nacional de Educação ou de como monologar sobre educação na presença de educadores. In: GOMES, Ângela de C. (Org.). *Capanema: o ministro e seu ministério*. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 143-72.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *Literatura infantil brasileira: história & histórias*. São Paulo: Ática, 1984.

LIMA, Sandra Cristina Fagundes de. *Memória de si, história dos outros: Jerônimo Arantes, a educação, a política e a história em Uberlândia nos anos de 1919 a 1961*. Tese (doutorado), 2004.

\_\_\_\_\_.Uberlândia Ilustrada, 1935 a 1961: a revista e seu editor, *História & Perspectivas*, Uberlândia, v. 1, n. 36, p. 1-27 (Prelo), 2007.

MORTATTI, Maria do R. L. Cartilha de alfabetização e cultura escolar: um pacto secular. *Cadernos Cedes*, São Paulo, n. 52, p. 41-54, Nov. 2000.

NUNES, Clarice. As políticas públicas de educação de Gustavo Capanema. In: BOMENY, Helena (Org.). *Constelação Capanema: intelectuais e políticas*. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 103-25.

### Fontes

ARANTES, Delvar. *Biografia: Professor Jerônimo Arantes*. Uberlândia. [Datilografado]. Acervo Delvar Arantes.

ARANTES, Eugênio Pimentel. [carta]. Uberlândia, 15 jun. Carta ao professor Jerônimo Arantes elogiando o livro *Minha rica fazenda*. Acervo Delvar Arantes, 1940.

ARANTES, Jerônimo. *Cartilha brasileira*. Uberlândia: Livraria Kosmos. Acervo Delvar Arantes, 1938.

\_\_\_\_\_. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos. Acervo Delvar Arantes, 1938.

\_\_\_\_\_. *Meu Aprendizado agrícola*. Uberlândia (Datilografado). Acervo Delvar Arantes.

\_\_\_\_\_. *Minha rica fazenda*. Uberlândia. (Datilografado). Acervo Delvar Arantes, 1939.

ARAÚJO, Aristides P. de [carta]. Monte Alegre. Carta ao professor Jerônimo Arantes elogiando a *Cartilha Brasileira*. Acervo Delvar Arantes, 1929.

DUTRA, Aimoré. À maneira de prefácio. In: ARANTES, Jerônimo. *Minha escola modelo*. Uberlândia: Livraria Kosmos. Acervo Delvar Arantes, 1938.

Recebido em janeiro de 2008

Aprovado em abril de 2008